

## **LEVANTAMENTO E DISTRIBUIÇÃO DA FAUNA DE FLEBOTOMÍNEOS, COM USO DE ARMADILHA LUMINOSA DO TIPO CDC, EM ÁREAS URBANA E PERIURBANA DE LAGES, SC, BRASIL**

Manuela Steil Korb<sup>1</sup>, Anderson Barbosa de Moura<sup>2</sup>, Geanice Ledo<sup>3</sup>, Andreas Lazaros Chryssafidis<sup>4</sup>.

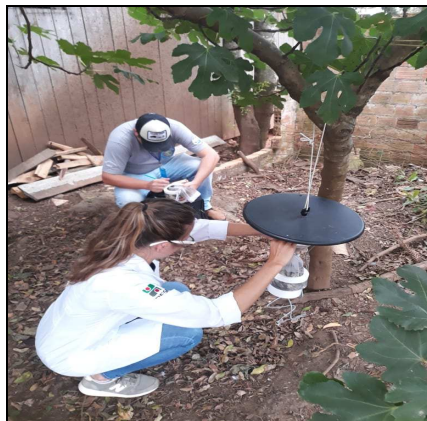
<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária – CAV – Bolsista PROBIC/UDESC

<sup>2</sup> Orientador, Departamento de Medicina Veterinária – CAV – anderson.moura@udesc.br

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Mestrado do PPGCA - CAV – geanicecav@gmail.com

<sup>4</sup> Professor, Departamento de Medicina Veterinária – CAV – andreas.ch@udesc.br

A leishmaniose Visceral é um grave problema de saúde pública no Brasil, devido à elevada incidência, ampla distribuição no país e crescente aumento de casos ligados à urbanização. Causada por um protozoário do gênero *Leishmania* spp., a Leishmaniose Visceral é uma doença de caráter zoonótico que acomete o homem e diversas espécies de animais domésticos e silvestres. A transmissão ocorre por meio da picada do Flebótomo, um inseto pequeno, recoberto de pelos que possui coloração castanho claro ou cor de palha e conhecido por realizar voo em pequenos saltos tendo preferência por áreas próximas a chiqueiros, galinheiros e canis. Sua atividade de repasto sanguíneo é realizada pelas fêmeas, ocorrendo majoritariamente ao anoitecer, podendo ser estendida até o início da manhã. Com o objetivo de constatar a presença, ou não, de Flebotomíneos transmissores da *Leishmania* spp., na cidade de Lages-SC, entre setembro de 2019 a julho de 2020 foram realizadas coletas, a partir de armadilhas luminosas, do tipo CDC, em 12 áreas de Lages (dentre essas encontram-se áreas com mata ou nas proximidades, com a presença de animais de criação próximo às moradias e com presença de cães suspeitos para Leishmaniose Visceral Canina). Numa semana foram colocadas três armadilhas (Figura 1), cada uma em uma área distinta da cidade, durante três noites consecutivas, ou seja, mensalmente obtiveram-se três amostras de cada um dos 12 locais escolhidos para coleta. As armadilhas foram colocadas no local de coleta às 18 horas, numa altura de 1,5m do solo. Ficaram durante toda a noite e às 6 horas da manhã foram retiradas. As armadilhas, contendo os insetos capturados, foram levadas ao Laboratório da Unidade de Vigilância em Zoonoses de Lages e os insetos capturados foram devidamente acondicionadas em frascos com identificação e em seguida congelados. Após esse processo, foi realizada a separação manual, com o auxílio de pinça, do conteúdo obtido na coleta, em um prato branco para facilitar visualização dos detalhes. Logo após a separação, foi feita a visualização de cada inseto no estereomicroscópio (Lupa) para retirada da sujidade e classificação dos insetos obtidos (Figura 2). Caso encontrado o Flebótomo, este então seria separado por sexo e colocado em um microtubo com álcool 70% para posteriormente ser submetido ao processo de clarificação. Os dados das coletas foram tabulados. Das amostras previstas para o projeto foram obtidas 337 e, dentre essas, 310 (91,9%) foram analisadas. A quantidade de insetos capturados numa armadilha variou de 0 a 50 insetos, fator explicado pelas diferenças de local e de data de coleta. Não foi encontrado ainda nenhum Flebótomo nas coletas do projeto.



**Figura 1.** Colocação da armadilha luminosa em um dos locais escolhidos para a procura do Flebótomo.



**Figura 2.** Visualização do conteúdo obtido, em uma das armadilhas, no estereomicroscópio.

**Palavras-chave:** Flebotomíneo. Leishmaniose. Armadilhas luminosas.